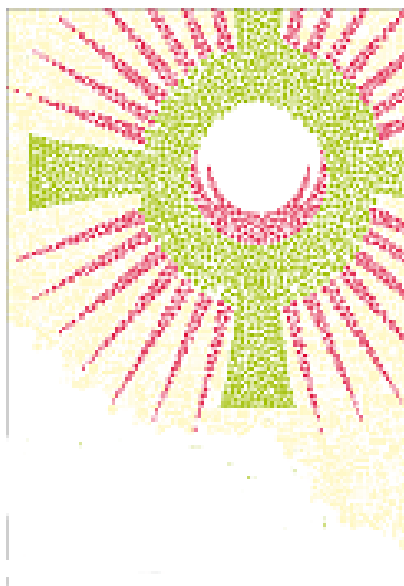




Mensagem dos Bispos suíços

Crianças refugiadas – vulneráveis e sem voz



O DOMINGO DOS POVOS

12 de Novembro de 2017

Caros irmãos e irmãs,

«Estes homens desprezados,
estas mulheres humilhadas,
estas crianças que todos rejeitam,
estes feridos, torturados,
todos estes rostos violentados.
Senhor Jesus,
És Tu que olhas para mim.»

Quando os cristãos se põem a caminho para o seu “êxodo espiritual”, pelo deserto da Quaresma anual, a liturgia fá-los meditar esta estrofe. O texto é tão explícito quanto o Evangelho segundo S. Mateus, quando cita o julgamento final. O Cristo da nossa fé identifica-se ao homem mais abandonado, mais fragilizado. Ele revela-se no mais pequenino: “O que fizerdes ao mais pequeno dos vossos irmãos, é a mim que o fazeis” (Mateus 25). O pequeno, a criança, estão verdadeiramente no centro do Evangelho. “Quem recebe esta criança em meu nome, recebe a minha própria pessoa; e quem me recebe, está a receber aquele que me enviou” (Lucas 9, 48). Deus fez-se um dos nossos. A sua história humana começou, em Jesus, por um desafio ao acolhimento. Os seus pais não foram acolhidos nos hotéis de Belém, nem ele próprio, que acabava de nascer. Um pouco depois, é o teste do exílio que o espera. A sua família refugia-se no Egito. Este pano de fundo da nossa história cristã, permite-nos ler e reler a situação das crianças refugiadas dos dias de hoje. Por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, o Papa Francisco chama a nossa atenção, este ano, para as crianças. Suplica-nos para que cuidemos das crianças

refugiadas “que carecem de defesa por três motivos: porque são menores, porque são estrangeiros, e porque sendo estrangeiros e sem defesa, são forçados a viver longe da sua terra de origem e separados do afeto dos que lhe são próximos”.¹

Os menores deveriam poder beneficiar dos direitos das crianças. Uma criança tem o direito de ter um pai e uma mãe que o amem e que assegurem a sua proteção, permitindo-lhe assim um desenvolvimento sã. A criança tem direito à educação e à instrução. O Bispo de Damasco, aquando da sua passagem na Suíça, evocava o drama das crianças sírias cujos pais e avós morreram na guerra, e que se encontram nos campos de refugiados sózinhos com as suas mães. Ou ainda muitos outros que passam o seu tempo nas ruas, destroçados porque as escolas que frequentavam foram destruídas. Essas crianças já nem têm o direito a ser crianças !

A criança refugiada vem de fora. O ambiente que descobre à sua chegada a um lugar de acolhimento parece-lhe, habitualmente, estranho. É importante, para o bem das suas crianças, que os migrantes possam colaborar com as comunidades que os acolhem. Na sua mensagem, o Papa Francisco denuncia de forma veemente a exploração à qual são submetidas estas crianças “quando se encontram à mercê da criminalidade organizada”², quando nós devíamos assegurar a sua proteção e a sua defesa. Diante dos responsáveis para a Pastoral dos Migrantes, o Papa

¹ Mensagens do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 2017

² Idem

apelava à consciência dos extortores: “Reafirmo que o ‘tráfico de pessoas’ é uma actividade ignóbil, uma vergonha para as nossas sociedades que se dizem civilizadas! Os extortores, bem como os seus clientes a todos os níveis, deveriam fazer um sério exame de consciência perante eles mesmos e perante Deus”.³

A criança não tem voz, só o seu choro. Mas, o que são os seus soluços compativamente com o barulho das armas que causam tanto este deslocamento de populações? Neste quadro trágico mas realista, como é que se pode deixar de encorajar todas estas pessoas que acompanham as crianças nos seus caminhos de emigração? Elas são figuras do Evangelho, abertas aos mais fracos. A Igreja conta com a capacidade dos cristãos para dar testemunho de uma comunidade apta a ser, pelo menos, à imagem de Maria e José, um espaço de repouso durante a fuga para o Egito.



✘ Jean-Marie Lovey crb

Bispo de Sion

Responsável dos Bispos suíços para os migrantes

³ Discurso no Conselho da Pastoral dos Migrantes, 24 Maio 2016